

DO ESTIGMA À POTÊNCIA: O VALE DO JEQUITINHONHA COMO TERRITÓRIO DE VIDA E ENSINO

FROM STIGMA TO POTENTIALITY: THE JEQUITINHONHA VALLEY AS A TERRITORY OF LIFE AND LEARNING

Cynthia Veiga Oliveira¹
Fábio Augusto Rodrigues e Silva²

RESUMO: Este artigo contempla reflexões sobre o ensino de Biologia a partir das possíveis contribuições de uma perspectiva territorializada da educação. Para tanto, propõe-se uma aproximação com a sociobiodiversidade do Vale do Jequitinhonha, destacando as suas características ambientais, sociais e culturais, bem como as memórias e histórias da gente do Vale. Tal movimento busca romper com estereótipos atribuídos a esse território em um processo de valorização e construção de práticas pedagógicas situadas, mais críticas e afetivas. O texto também descreve o processo de criação de recursos educativos inspirados no Vale, destacando-os como materiais autorais a partir dos quais emergem experiências, saberes e expressões artísticas de uma região que não se limita aos discursos hegemônicos e colonizadores. Uma região que pulsa cultura e vida e que pode nos ensinar a lutar por nossa terra e por nossas identidades.

Palavras-chave: Educação territorializada, sociobiodiversidade, produtos educacionais, formação de professores.

ABSTRACT: This article reflects on the teaching of Biology based on the possible contributions of a territorialized perspective of education. To this end, it proposes an approach to the sociobiodiversity of the Jequitinhonha Valley, highlighting its environmental, social and cultural characteristics, as well as the memories and stories of the people of the Valley. This movement seeks to break with stereotypes attributed to this territory in a process of valuing and constructing situated, more critical and affective pedagogical practices. The text also

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ecologia de Biomas Tropicais (ICEB/UFOP). Licenciada em Ciências Biológicas pela UFOP. Contato: cynthia.veiga@aluno.ufop.edu.br / cynthiaveigaoliveira@gmail.com

² Doutor em Educação pela UFMG. Professor Associado da UFOP e do Programa de Pós-graduação em Ecologia de Biomas Tropicais (ICEB/UFOP). Coordenador do Grupo ConecTAR Estudos e Pesquisa em Ensino de Ciências. Contato: fabio.silva@ufop.edu.br

describes the process of creating educational resources inspired by the Valley, highlighting them as original materials from which emerge experiences, knowledge and artistic expressions of a region that is not limited to hegemonic and colonizing discourses. A region that pulses with culture and life and that can teach us to fight for our land and our identities.

Keywords: Territorialized education, socio-biodiversity, educational products, teacher training

INTRODUÇÃO

Certa vez, ao ler um livro, me deparei³ com o seguinte questionamento: o que faz a Biologia ser Biologia? A pergunta, aparentemente simples, - ou não tão simples assim -, me provocou revisitar o modo como essa ciência é apresentada na escola e na sociedade. Em vez de aceitar a resposta comum - “a Biologia é o estudo da vida” -, fui conduzida a refletir sobre como esse campo do saber foi historicamente construído. Estudar Biologia é, antes de tudo, estudar a trajetória do modo como os seres vivos, suas características, histórias e interações foram sendo observados, descritos, nomeados e classificados ao longo do tempo (Mayr, 2005; Nascimento Junior; Gonçalves, 2022). Entretanto, pode ser também, uma ação de estudar a partir de uma ciência que nos convida a compreender os problemas socioambientais extrapolando os limites das salas de aulas e/ou das representações presentes em livros didáticos (Silva, 2024). Afinal, como exemplificou, Paulo Freire (1992, p.74):

E não se diga que, se sou professor de Biologia, não posso me alongar em considerações outras, que devo apenas ensinar Biologia, como se o fenômeno vital pudesse ser compreendido fora da trama histórico-social, cultural e política.

Inspirados pela pergunta inicial, propomos outra, mais situada: o que é ensinar Biologia no Vale do Jequitinhonha? O que significa abordar a vida, em suas pluralidades de existência, saberes e formas de resistência, em um território

³ Iremos utilizar a primeira pessoa do singular para evidenciar quando a primeira autora, que é originária do Vale do Jequitinhonha, expressa as suas experiências e sentimentos. E a primeira pessoa do plural, quando os autores se enredam na construção coletiva do texto.

estigmatizado como “Vale da pobreza”. Uma região em que pulsa biodiversidade, memória e luta?

Ensinar Biologia no vale do Jequitinhonha pode ser, antes de tudo, um movimento de escuta, de leitura de mundo e de luta por reconhecimento e/ou pertencimento. É um movimento que exige mergulhar nas paisagens, nas histórias e nos modos de vida que configuram esse território plural e constantemente tensionado entre projetos de vida e de morte. Ou, como propõe Latour (2020), pensar o Ensino de Biologia a partir do Vale, pode ser um exercício de direção à Terra, e nos exige posicionamentos políticos em defesa dos saberes, práticas e costumes que nos constituem como terrestres, ou ainda, como gente do Vale.

Portanto, pensar o ensino de Biologia no Vale do Jequitinhonha nos leva a discutir a importância de uma educação territorializada, uma proposta que entende o território não somente como cenário, mas como um dos protagonistas do processo educativo (Latour, 2020; Pereira et al., 2022). O chão onde se vive, - com suas histórias, suas lutas, suas plantas, seus bichos, seus rios e suas gentes -, pode e deve ser também lugar de conhecimento. Um solo em que emergem as memórias bioculturais (Toledo; Barrera-Bassols, 2008) que precisam ser valorizadas em nossas práticas docentes.

Falar em educação territorializada é reconhecer que o ensino de Biologia, sobretudo em territórios como o Vale do Jequitinhonha, precisa dialogar com o espaço vivido, com os vínculos afetivos, históricos e políticos que ali se produzem. Mais do que ensinar conceitos sobre a vida, é preciso situá-los nos corpos, nos saberes e nas experiências que habitam e transformam o território (Pereira et al., 2022; Bessa-Silva, 2024). Como aponta Santos (1988), o espaço geográfico é composto por formas que contêm as dinâmicas da sociedade em movimento; é o lugar onde a vida se concretiza, onde se entrelaçam o natural e o social, o global e o local, as contradições e as resistências.

Nesse sentido, defendemos que situadas em contextos historicamente marginalizados, a escola e a ação docente podem se tornar espaços e tempos para leitura crítica do território. E quem sabe para uma ação transformadora da realidade local. Isso exige compreender que os lugares não são neutros: todos

eles são atravessados por relações de poder, por conflitos e por projetos políticos. Essa compreensão está alinhada à reflexão de Quijano (2010), que destaca que, embora muitas regiões periféricas não estejam mais sob administração colonial direta, permanecem marcadas pela colonialidade do poder, uma forma de organização que mantém relações de dependência histórico-colonial tanto entre os países quanto internamente. Assim, o território escolar é também um campo onde se manifestam essas estruturas históricas e contemporâneas de poder, influenciando as experiências e os saberes produzidos naquele espaço.

Voltando ao Vale do Jequitinhonha, o identificamos como um ambiente que tem sido marcado por essa lógica, e, frequentemente, reduzido a uma região de carência que justificam intervenções externas em nome do desenvolvimento econômico. No entanto, pensar em uma educação territorializada significa inverter essa lógica, ou seja, reconhecer a potência epistemológica do território, valorizar os saberes locais e afirmar a sua diversidade como fonte de conhecimentos (Camargo; Sánchez, 2021).

Pensando a partir do exposto anteriormente, trazemos neste trabalho uma reflexão sobre processos de produção de recursos educacionais abertos, construídos em um movimento de retomada da memória, da mobilização de conhecimentos e de valorização da sociobiodiversidade do Vale do Jequitinhonha. Processos marcados pela resistência e indignação com o discurso xenofóbico que reduzem povos e territórios a objetos de opressão e de perpetuação das desigualdades. Uma reflexão orientada pela valorização da autoria em processos de formação de professores como um dos recursos para o desenvolvimento de educadores comprometidos politicamente e afetivamente com a sua terra e sua gente.

O VALE DO JEQUITINHONHA COMO TERRITÓRIO DE VIDA E ENSINO

“Jequitinhonha, braço de mar. Leva esse canto pra navegar.”

Paulinho Pedra Azul

Bom, agora que você já sabe um “cadin” do que viemos fazer aqui, defender um olhar específico para os processos de ensino e aprendizagem de Biologia, vamos falar sobre o Vale do Jequitinhonha, ou Vale do Jequi, como gostamos intimamente de chamar. Ele está localizado na região nordeste do estado de Minas Gerais e ao longo da sua extensão, o território é atravessado pelo rio Jequitinhonha - já explicamos outras vezes o que esse nome significa (Guerrero, 2009), mas se você ainda não sabe, algumas pessoas dizem que significa “rio largo cheio de peixes”. Uma das interpretações locais diz que “jequi” era o nome dado a uma armadilha utilizada para capturar peixes, chamados pelos indígenas de “onhas”. Assim, o rio recebeu esse nome porque no entardecer os indígenas verificam se no “jequi tinha onha”, ou seja, se na armadilha havia peixes.

Mas, falando do Vale, o Vale é desses cantos, que a gente pisa devagar para não acordar os encantos. Ali, se achegam três biomas: Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Camargo; Sanchez, 2018). E é dessa mistura que brota um mundo de abundâncias: são flores que pintam os matos com cor, frutos que nascem sem pedir licença, panelas de barro moldadas com paciência, cantigas que atravessam gerações. Tem bordado que fala e costura o mundo, boneca com nome, riso que acolhe na chegada e cheiro de café “fresquim”.

Tem gente que reza, que planta, que inventa e se reinventa com aquilo que a terra tem para oferecer. Tem feira, tem batuque, tem fogueira em dias de festa e fé que não se dobra. No meu Vale tem “mainha” e tem “painho”, de histórias contadas na beira de um fogão a lenha, de criança solta na rua, banho de mangueira, de abraço demorado e conversas longas. Tem esperança, mesmo quando tende a faltar. Porque quando falta, a gente inventa - ou em outras palavras, dá um jeito - e quando sobra, a gente reparte.

Ainda assim, não podemos deixar de falar do Vale sem mencionar os processos históricos de colonização, escravização e expropriação, que moldaram suas estruturas fundiárias e seus modos de vida (Camargo; Sanchez, 2018). Todo bom caso tem início, meio e talvez fim, então, voltemos para as primeiras páginas do nosso enredo e o primeiro marco da nossa história vem com a chegada dos portugueses aos territórios que hoje chamamos de Brasil. Aquela velha falácia de que o Brasil foi “descoberto”... mas como você descobre um lugar que já era habitado, vivido, cantado e cuidado por tantos povos originários? Pois bem, antes da cruz e da espada, já existiam aqui comunidades indígenas com saberes ancestrais, línguas diversas e modos de vida conectados com a terra, o rio e o céu. No caso do Vale, os povos originários aqui presentes, eram das nações Maxakali, Arana, Poté, Nak-nenuk e Pojichá (Soares, 2000).

Esse processo precisa ficar evidente, aqui na nossa história, para entendermos os rumos que se sucederam. Com a colonização, vieram as fomes: de ouro, de terra, de lucro. O território virou mapa de interesses alheios e os corpos foram fonte de recursos. Corpos indígenas arrancados de suas formas de existência. Corpos africanos traficados, marcados a ferro, forçados a arrancar da terra o que não era para eles, mas para o império colonial.

Um enorme mecanismo empreendido por uma nova forma de habitar os territórios subjugados pela espada, pela pólvora e pelas doenças trazidas nas embarcações europeias: o habitat colonial (Ferdinand, 2022). Uma nova forma de relação com a terra e com outros povos, a terra não será a mãe nutriz para o colono europeu, mas sua propriedade, sujeita a exploração. Uma usurpação que devora os seus recursos do território e estabelece uma desumanização do outro para servir como fonte de trabalho e energia para a geração de lucros e para atender as necessidades do colono e da metrópole.

Para o Vale do Jequitinhonha, a descoberta dos diamantes foi determinante para o estabelecimento deste tipo de habitat (Furtado, 2009). A mineração, nesse processo, não é, portanto, só uma prática econômica, ela foi também uma forma de colonizar o território com outra lógica: a da extração. Extrai-se o ouro, o ouro rareia, os impactos ficam, e agora? Vamos extrair

diamantes! E o ciclo recomeça: cavouca-se a terra, marca-se o chão, esfarela-se o tempo. Tudo em nome de uma riqueza que nunca ficou por aqui.

Quando os minérios se esgotam, o que sobra é o povo, muitos que vieram de longe, outros que já viviam ali, mas foram obrigados a seguir para outro lugar. Com o fim da mineração, o Vale abrigava um grande contingente populacional, e aqui temos o segundo marco da nossa história: a intensificação do sistema agrícola (Furtado, 2009). A terra passou a ser recurso - mais uma vez-, mercadoria e assim, os conflitos socioambientais se aprofundam. Para uns a terra era meio de sobrevivência, para outros significava aumentar, ou melhor, expandir sua mercadoria para atender o mercado.

Saindo do século XIX e adentrando no século XX, o terceiro marco para a história do Vale se relaciona com a eleição do Juscelino Kubitschek, mineiro de Diamantina, ou seja, uma pessoa natural da região, à presidência do Brasil. Nesse momento, a região passou a ser retratada com um novo discurso político: o de “Vale da pobreza”, rótulo que, embora denunciasse desigualdades reais, também foi usado estrategicamente para atrair investimentos e legitimar intervenções externas. Esse discurso foi logo cooptado pelas narrativas do progresso industrial, sobretudo, pelas siderúrgicas que buscavam expandir suas atividades na região (Almeida, 2018).

É nesse mesmo contexto, que, hoje, a exploração do lítio desponta como mais um capítulo da longa história minerária do Vale do Jequitinhonha, - eu disse que talvez não teria fim. Um novo ciclo se anuncia, com promessas reluzentes, mas também com velhas perguntas: quem lucra, quem perde, quem decide?

Se o solo é seco, dizem que falta vida. Se chove pouco, afirmam que não brota esperança. Assim, historicamente, o Semiárido tem sido lido, e muitas vezes mal lido, como sinônimo de carência, de atraso e de improdutividade (Nepomuceno; Terra, 2020). Defendemos que é hora de mudar essas narrativas. E é o que tentamos com a produção de materiais educacionais inspirados na sociobiodiversidade do Vale do Jequitinhonha.

PRODUTOS E PROCESSOS: COSTURANDO SABERES DO TERRITÓRIO

O caderno temático...

Os produtos educacionais aqui descritos não nasceram apenas como tarefas, mas também brotaram da vivência da primeira autora com o seu território, de uma vontade profunda de recontar, com afeto e resistência, as histórias do Vale para além dos estigmas. Esses produtos foram desenvolvidos ao longo de disciplinas da graduação de um curso de licenciatura em Ciências Biológicas, entre leituras, trocas e inquietações. Mais do que materiais didáticos, são manifestações de um pertencimento que se escreve com as mãos, com a memória e com o chão de onde se vem. Um dos produtos desenvolvidos é um caderno temático; o outro, uma bionarrativa social, ou bionas.

Agora sim, antes que você pergunte, ou mesmo que não pergunte, deixo aqui uma provocação - mais uma -: o que seria um caderno temático? Pois bem, segundo a autora Santos (2007), esse tipo de material, que ela denominava como “unidade temática”, é um recurso educacional pensado para aprofundar um tema em uma disciplina, reunindo conteúdos, reflexões e atividades que dialogam entre si. Ela defende que o processo de elaboração desse tipo de material contribui para a formação de professores, capacitando-os para análise, avaliação e produção de outros recursos didáticos. Afinal,

Para desenvolver seus materiais os autores deverão tomar decisões sobre quais são as características de um bom texto didático, que tipo de desenho e figura é mais adequado ao texto; que tipos de exercícios e exemplos são importantes; como incorporar nos materiais didáticos o saber prévio do aluno; como conciliar as imposições do currículo, as limitações do tempo ou estratégias de aprendizagem mais modernas (Santos, 2007, p.5).

Por aqui, preferimos chamar esse tipo de material didático de **caderno temático**, para não confundir com as “unidades temáticas” da Base Nacional Comum Curricular, ou a nossa “desquerida” BNCC (Brasil, 2018), o qual é uma coisa completamente diferente.

A ideia de desenvolver um caderno temático sobre o Vale do Jequitinhonha não veio pronta, não mesmo. Confesso que até chegar nesta temática, o caminho foi cheio de voltas e desvios, como os próprios meandros do Jequitinhonha. Tudo começou com o rio, esse rio que dá nome, forma e vida

ao vale. Queria falar dele, contar suas águas, contar suas histórias. Mas, bastaram algumas buscas para confrontar uma enxurrada de notícias e discursos que sempre empurravam o vale para o mesmo lugar: o da pobreza, da miséria, da carência. Os índices de desenvolvimento humano, sempre baixos, viravam carimbo. Repetiam o mesmo retrato em preto e branco, como se ali não houvesse cor, nem força, nem passado, nem presente e muito menos futuro.

Foi aí que algo dentro de mim começou a ferver. Primeiro, uma inquietação miúda, mas que com o tempo foi crescendo. Depois, veio a raiva: como pode um território tão cheio de vida, de cultura, de gente potente, ser reduzido a números e estigmas? E, dessa raiva, nasceu o impulso: narrar esse chão com outras palavras e revelar o que os olhos apressados não veem. Essa raiva, que poderia ser silenciada ou deslegitimada, transformou-se em motor ético, em desejo de intervir, como nos ensina Paulo Freire,

A minha raiva, minha justa ira, se funda na minha revolta em face da negação do direito de “ser mais” inscrito na natureza dos seres humanos. Não posso, por isso, cruzar os braços fatalistamente diante da miséria, esvaziando, desta maneira, minha responsabilidade no discurso cínico e “morno”, que fala da impossibilidade de mudar porque a realidade é mesmo assim. (Freire, 2000, p.36).

Foi justamente esse incômodo que me moveu. Optei por escrever o que não cabe nos dados do IBGE, o que escorre pelos vãos dos relatórios, o que não se contabiliza em índices. Escrevi com afeto e insubmissão, como quem se recusa a aceitar a única história contada. E foi assim que o caderno temático intitulado “Vale do Jequitinhonha - Além do rótulo de “Vale da Miséria” surgiu, como resposta, como gesto político, como possibilidade de dizer: aqui há mais, muito mais, existe a minha história.

O processo, como tudo por aqui, foi artesanal. Com a ideia em mãos, começamos a produzir! A partir daí, o que antes era apenas um incômodo virou projeto. E o projeto virou palavra, imagem, pergunta. A pesquisa veio logo em seguida. Vasculhamos artigos científicos, reportagens, registros históricos, literatura e música. Como quem monta um mosaico, fomos costurando referências, dados e vivências. E quando o conteúdo já estava de pé, vieram as cores: o visual foi criado no Canva®, com elementos gráficos inspirados nas texturas, nas cores e nos símbolos do próprio território.

Era essencial que, ao abrir o caderno, o/a/le estudante sentisse que estava entrando no Vale. A bem da verdade, o desejo era esse mesmo, fazer caber o Vale inteiro entre as páginas. O caderno temático, destinado inicialmente à educação básica, com foco nos anos finais do ensino fundamental, veio com o propósito de diversificar o ensino de Ciências, mas sua estrutura permite que se estenda o seu uso ao ensino médio e a outros contextos formativos.

O caderno se organiza em **três módulos interdependentes**, cada um como uma vereda que se abre para um aspecto do Jequitinhonha. O **primeiro** percorre as margens do rio, esse fio d'água que caminha o território, e vai se configurando em três microrregiões: alto, médio e baixo Jequitinhonha. O **segundo** celebra a diversidade cultural e ambiental, tensionando o uso da palavra “pobreza” e abrindo espaço para ver o que realmente abunda na região: festa, força, fauna, flora e cultura. Já o **terceiro módulo** lança um olhar crítico sobre a mineração, do passado colonial à atual corrida pelo “lítio verde”. E provoca: que desenvolvimento é esse que se diz sustentável, mas continua cavando buracos?

Cada módulo foi tecido com esse cuidado: apresentar o território em sua complexidade, trazendo à tona tanto os processos históricos de violência quanto os modos de vida, saberes e resistências que se mantêm vivos. E assim, a cada página, o Vale deixa de ser tema e vira território de aprendizagem, múltiplo e contraditório. Ousamos dizer que o caderno temático, mais do que um recurso didático, é uma declaração de amor ao Vale. Agora, se o caderno teve como por objetivo fazer o Vale falar, a Bionas quer o ver dançar. Porque há coisas que a dança diz melhor que o texto, e há histórias que pedem ritmo, movimento e celebração.

A bionarrativa social

As Bionas, ou Bionarrativas Sociais, configuram-se como narrativas digitais que buscam dar voz aos territórios por meio das múltiplas experiências, gestos e afetos de quem os habita. Essa proposta nasce da complexa intersecção entre vivências pessoais, sentimentos e saberes compartilhados

(Kato, 2020). Originadas no âmbito da Caravana da Diversidade, um projeto itinerante e colaborativo que reuniu professores e pesquisadores de diferentes universidades brasileiras, as Bionas conectam a formação docente às especificidades culturais e ambientais de seus contextos (Silva, 2022).

Essa trajetória, como aponta Silva (2024), é marcada por encontros afetivos e trajetórias entrelaçadas, que se constroem de maneira dinâmica e, por vezes, caótica. Este processo coletivo, longe de ser só um campo acadêmico, revela-se como um espaço vivo de construção de sentido, onde professores e alunos trocam histórias e experiências que transcendem o ensino formal. As oficinas interculturais promovidas nesse cenário incentivam a expressão das relações dos participantes com a biodiversidade e seus territórios por meio das Bionas, ampliando a escuta para além dos saberes tradicionais (Rédua; Kato, 2024).

Embora, inicialmente, o projeto tenha como foco a articulação entre a formação docente e os biomas locais, as produções revelam um conteúdo rico e subjetivo, atravessado por desafios pessoais, silenciamentos e, sobretudo, pelo encontro com o outro e com a própria identidade territorial. Assim, as Bionas⁴ tornam-se ferramentas poderosas para refletir as múltiplas dimensões da aprendizagem e do pertencimento, dando voz a narrativas que, frequentemente, permanecem invisibilizadas (Kato, 2020).

E foi dentro dessa perspectiva que surgiu a minha Bionas, o Boi de Janeiro não bate à porta, ele chega. Com raízes fincadas no Médio Jequitinhonha, essa manifestação popular é uma reinvenção do Bumba-meu-boi, moldada pelo tempo, pela oralidade e pelas mãos de quem nunca deixou o tambor calar. É mistura de etnias, com traços indígenas, africanos e portugueses, mas com alma inteiramente jequitinhonhense (Floriano; Rodrigues, 2018).

E se ele chega, não é em silêncio. Já foi alegria de rua e já foi ato político. Em outras épocas, foi com ele que a população denunciou os desmandos das prefeituras, os desvios, as ausências, as corrupções escancaradas. Quando a

⁴ Esses recursos educacionais abertos podem ser acessados na página: <https://bionarrativassociais.wordpress.com/>

palavra era interdita, o boi falava por todos. Esse é o Boi Janeiro, que sai em Jequitinhonha, dança em Pedra Azul, reaparece em Itaobim, se reinventando em cada cidade, mas reconhecido por todos (Vieira; Campos; Almeida, 2013). Um boi que não é só folclore, é identidade em movimento.

Assim, produzi um vídeo, contando a história desse boi, sua voz, sua cantiga, o giro repentino, o riso. O vídeo não quer explicar, quer aproximar. E talvez, mais do que documentar, ele procure ouvir: o boi, o povo, o Vale. Eu ainda me lembro, pequena e de mãos dadas com meu padrinho, os olhos grudados no boi. Ele rodopiava no Palco de Eventos e, ali, o mundo se abria em cores. Por anos, essa tradição ficou esquecida, silenciada por descaso político, pela falta de incentivo, pela tentativa de desarticular os encontros populares. Entretanto, o boi não morre fácil, ele dorme, mas acorda. E assim foi. Retomou suas forças. Voltou a dançar. Voltou a gritar.

Na sala de aula, o vídeo se faz convite. Não ensina sobre o boi, ensina com ele. É recurso, mas também rito. Ajuda a abrir caminhos entre a ciência e a cultura, entre o conteúdo e o contexto, algo que é esperado a partir de uma bionas (Kato, 2020, Bessa-Silva, 2024). Ao assistir, os estudantes são estimulados a conhecerem uma manifestação cultural; eles reconhecem um território, uma história, uma maneira de estar no mundo. E é nesse movimento que a Biologia encontra seu lugar. Porque falar do Boi de Janeiro é também falar de ciclos, do tempo, da vida, da festa. É observar os seres que compõem o cenário da brincadeira: as plantas que enfeitam, os animais que inspiram, os corpos que dançam. É entender a festa como um ecossistema vivo, onde cultura e natureza se entrelaçam.

O vídeo, assim, não serve apenas como explicação. Ele pulsa. Ele provoca uma curiosidade que é científica e sensível. Instiga a perguntar como se transmite um saber, como se preserva uma tradição, como os conhecimentos populares também carregam ciência - aquela que nasce da experiência, da oralidade e da observação atenta. Acreditamos que ensinar Biologia percorre esse caminho, e os produtos aqui apresentados são algumas das muitas formas (entre tantas outras possíveis) de integrar essa perspectiva à prática educativa.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho reafirma que o conhecimento e a educação podem se fortalecer quando se enraízam no lugar, na história e na cultura dos sujeitos envolvidos. Ao resgatar as vozes e as tradições do Vale do Jequitinhonha, evidenciamos que ensinar Biologia pode ir muito além da transmissão de conceitos, e que pode aproveitar as fissuras dos documentos normativos, como a BNCC. Podemos ensinar associando os saberes científicos com experiências vividas, tecendo tradições, memórias, seres vivos, solos e rios, em uma rede de valorização de nossa terra e de nossa sociobiodiversidade.

Os produtos educacionais apresentados aqui, o caderno temático e a bionarrativa social, são frutos de um esforço para desmontar estigmas e dar visibilidade à riqueza do território, tanto em sua complexidade quanto em sua beleza. Eles reafirmam a potência de dinâmicas educacionais que dialogam com a cultura local, tornando o ensino mais significativo e sensível.

E assim, encerrar este percurso é quase como tentar conter todo um rio em uma mera garrafa, ou seja, impossível. O que se apresenta aqui é menos um ponto final e mais um ponto de partida. Um convite aberto para que educadores, estudantes e comunidades continuem a escutar, a aprender e a dançar com o Vale. Que essa jornada inspire outros territórios a revelarem suas histórias, não como rótulos, mas como fontes vivas de aprendizado e resistência. Porque, no fundo, educar é, sobretudo, celebrar a vida em sua diversidade.

Agradecimento: Os autores agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa que viabilizou a pesquisa desenvolvida pela primeira autora.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Clebson Souza de. **Território da água, território da vida:** comunidades tradicionais e a monocultura de eucalipto no Alto Jequitinhonha. 2018. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos Rurais), Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, 2018.

BESSAS-SILVA, Thais Ferreira. Bionarrativas sociais como potência para uma educação intercultural popular: confluências entre ensino, pesquisa e extensão na formação docente. 99f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) - Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular. Brasília, DF: MEC, 2015.

CAMARGO, Daniel Renaud; Sanchez, Celso Sánchez. Educação Ambiental de Base Comunitária: relato de experiência no Vale do Jequitinhonha. **Perspectivas educativas**, v. 8, n. 1, p. 61-71, 2018.

CAMARGO, Daniel Renaud; SÁNCHEZ, Celso. Ciência popular do sertão mineiro e educação ambiental de base comunitária: saberes locais como pontos de partida para a contextualização de propostas educativas no Vale do Jequitinhonha. **Ambiente & Educação: Revista de Educação Ambiental**, v. 26, n. 1, p. 217-250, 2021.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. Ubu Editora, 2022.

FLORIANO, Mariana; RODRIGUES, Graziela Estela Fonseca. corpos de afeto: festejos do vale do jequitinhonha e o processo criativo “vale da esperança”. **Cena**, n. 24, p. 64-79, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.

FURTADO, Júnia Ferreira. A história do Vale do Jequitinhonha. **Cadernos do LESTE**, 2009.

GUERRERO, Patrícia. Vale do Jequitinhonha: a região e seus contrastes. **Revista Discente Expressões Geográficas**, v. 5, n. 5, p. 81-100, 2009.

KATO, Danilo Seithi. PROFBD - Observatório da educação para biodiversidade e a caravana da diversidade: experiências de pesquisa no formato de Bionarrativas Sociais (Bionas). In: KATO, Danilo Seithi (org.). *Bionas para a formação de professores de Biologia: experiências no observatório da educação para biodiversidade*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020. Apresentação, p. 15-29.

LATOUR, Bruno. **Onde aterrar?: como se orientar politicamente no antropoceno**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2020.

MAYR, Ernst. **Biologia, ciência única**. Editora Companhia das Letras, 2005.

NASCIMENTO JUNIOR, Antonio Fernandes; GONÇALVES, Laise Vieira. A história e a filosofia à procura da ciência: a construção de estatutos para a biologia. In: DUSSO, Leandro.; SANTOS, Sandro Prado; ODA, Welton Yudi; OLIVEIRA, Mário César Amorim. (org.). *Itinerários de resistência: pluralidade e laicidade no ensino de ciências e biologia*. 1. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2022. p. 21-32.

NEPOMUCENO, Izaíra Vasconcelos; TERRA, Bianca de Freitas. Biologia no PNLD 2018: o que temos de Caatinga? **Revista Exitus**, v. 10, 2020.

PEREIRA, Guilherme Augusto Vieira, CAMPOS, Alessandra Bernardes Faria, ANDRADE, Fernanda Maria Coutinho de; BONTEMPO, Ginia Cezar, FERNANDEZ, Thais Almeida Cardoso. Confluências: encruzilhadas dos saberes de matrizes africanas e a formação de educadoras/es ambientais. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, p. 765-787, 2022.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SOUZA SANTOS, Boaventura. MENESES, Maria Paula. (Orgs) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

RÉDUA, Laís de Souza; KATO, Danilo Seithi. Biodiversidades locais como elementos interculturais: Análise de movimentos discursivos na formação inicial docente em ciências. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)**, v. 26, p. e47577, 2024.

SANTOS, Flávia Maria Teixeira dos. Unidades temáticas: produção de material didático por professores em formação inicial. **Experiências em Ensino de Ciências. Porto Alegre. Vol. 2, n. 1 (mar. 2007), p. 01-11**, 2007.

SANTOS, Milton. Da Totalidade ao Lugar. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. p 137-164.

SILVA, Fábio Augusto Rodrigues e. Caravana da Diversidade donde qui vem este trem? São fi de quem?. In: PAGAN, Alice Alexandre; WARTHA, Edson José. (Org.). Encontros, influências e inspirações na formação de professores-pesquisadores de ciências. 1ed.Uberlândia: Navegando Publicações, 2022, v. 1, p. 109-124.

SILVA, Fábio Augusto Rodrigues e. Vamos falar de vida na biologia? Um convite para abrir as nossas aulas ao que nos cativa. **Revista Areté| Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, v. 23, n. 37, p. e24024-e24024, 2024.

SOARES, Geralda. Vale do Jequitinhonha: Um Vale de muitas Culturas. Cadernos de História. Belo Horizonte, v. 5, n. 6, p. 170-22, jul. 2000.

TOLEDO, Víctor M.; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **La memoria biocultural: la importancia ecológica de las sabidurías tradicionales**. Icaria editorial, 2008.

VIEIRA, Elisa Maria Amorim; CAMPOS, Thayane; ALMEIDA, Samira. **Imagens e memórias de Itaobim**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013.

